



ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

**POSSE DOS NOVOS ACADÊMICOS
- 1985 -**

**SESSÃO SOLENE REALIZADA EM
12 DE MARÇO DE 1986**

DIRETORIA – 1985-1987

Presidente: MAURICIO MATOS PEIXOTO
Vice-Presidentes: OSCAR SALA
 JOSÉ ISRAEL VARGAS
Secretário-Geral: HISS MARTINS-FERREIRA
1º Secretário: WALTER BORZANI
 JOSÉ MANUEL RIVEROS
2º Secretário: CÂNDIDO SIMÕES FERREIRA
Tesoureiro: FERNANDO BRAGA UBATUBA

**NOVOS ACADÊMICOS ELEITOS
NA ASSEMBLÉIA GERAL**
de 30 de dezembro de 1985

Titulares:

- Alcides Carvalho (Ciências Biológicas)
- Maurício Rocha e Silva Jr. (Ciências Biológicas)
- Giovanni Gazzinelli (Ciências Biológicas)
- Paulo de Tarso Alvim (Ciências Biológicas)
- Erney Plessmann Camargo (Ciências Biológicas)

Associados:

- Cid Bartolomeu de Araújo (Ciências Físicas)
- Diógenes de Almeida Campos (Ciências da Terra)
- Paulo Antonio de Souza Mourão (Ciências Biológicas)
- Leny Alves Cavalcante (Ciências Biológicas)
- Sergio Verjovski de Almeida (Ciências Biológicas)

Correspondentes:

- Boris Drujan
- Laurie J. Vitt

Discurso Proferido
pela Acadêmica JOHANNA DÖBEREINER
Saudando os Novos Membros

Faz nove anos que numa reunião como esta pronunciei o nosso agradecimento, em nome dos acadêmicos recém-empossados, às saudações calorosas do acadêmico Israel Vargas. Foi sem dúvida o dia mais importante da nossa carreira científica, pois estávamos cientes de que acabávamos de ser eleitos para fazer parte da elite científica do País.

Caros novos acadêmicos, tenho certeza que os Senhores sentem o mesmo orgulho ao ser escolhidos entre os milhares de cientistas brasileiros, agrônomos, bioquímicos, médicos, físicos e geólogos para serem membros efetivos ou, os mais jovens, membros associados da Academia Brasileira de Ciências. Significa isto um reconhecimento de seus esforços intelectuais, da sua paciência, perseverança, e sobretudo de sua inteligência e criatividade. Aceitem isto, caros novos colegas, como um prêmio bem merecido que representa uma das mais altas distinções que um pesquisador pode receber e que ninguém lhes pode tirar. Sejam quais forem as correntes políticas do País, a direção das suas Instituições ou movimentos de colegas competitivos, sempre serão daqui por diante Acadêmicos, membros da elite do País.

Entretanto, ao elegermos os Senhores para membros da Academia, consideramos além das suas capacidades científicas, a sua disposição, caros novos colegas, para assumir novos compromissos profissionais, morais e cívicos. Assumiram conosco a tarefa de liderar a ciência e pesquisa no país e representá-la perante o mundo, cada um no seu campo. É seu dever zelar pela sinceridade e honestidade do trabalho científico no País. Isto implica no reconhecimento dos propósitos verdadeiros da pesquisa científica. É infinito o número de problemas a serem solucionados em nosso meio e somente o esforço comum pode levar a progressos significantes. Para isto é indispensável o livre intercâmbio de idéias e resultados entre cientistas não só da mesma área mas também, muitas vezes, sob forma interdisciplinar. Esta integração se torna cada vez mais importante entre a chamada pesquisa básica e a pesquisa aplicada. É muitas vezes difícil convencer autoridades e dirigentes de instituições científicas, infelizmente demasiadamente influenciados pela política, de que resultados de pesquisa aplicada sem respaldo da ciência básica e sem o desvendamento dos mecanismos

básicos envolvidos numa nova tecnologia proposta tem aplicação muito restrita tendo que ser repetido para cada caso e cada situação e assim, a médio e longo prazo, se tornam mais caras, do que tecnologias geradas em programas de pesquisa integrada. Este problema talvez se torne mais agudo, nas ciências agropecuárias que em qualquer outro ramo da ciência. Empossamos hoje entre os cinco novos membros efetivos, dois agrônomos, proporção considerável que acredito seja resultado do reconhecimento, pela Academia, dos novos rumos do País que cada vez mais encontra sua verdadeira vocação ligada essencialmente às suas vastas disponibilidades de terra. Sem se pensar em expandir a agricultura para a Amazônia dispomos de 2 milhões de km², um quarto do território Nacional, de campos de cerrados até há 20 anos atrás considerados improdutivos e que hoje representam um dos maiores desafios para as ciências agrárias, pois foi científica e praticamente comprovado que podem produzir mais que as terras consideradas férteis na região Centro-Sul. Representa esta região, sem dúvida, a maior área disponível no mundo que pode ser transformada em área agrícola, sem necessidade de destruição de florestas. Plantada com soja, por exemplo, esta área sozinha poderia alimentar a população mundial de hoje com quantidades de proteínas consideradas satisfatórias nos países desenvolvidos como os EEUU. A pesquisa para a expansão da agricultura para as regiões semi-áridas do Nordeste ainda nem começou. Daqui a vinte anos falaremos nelas como hoje falamos dos cerrados.

Estes exemplos ilustram o desafio que a pesquisa agropecuária enfrenta hoje. Desafio este que já sabemos não poderá ser solucionado pela pesquisa aplicada nem pela pesquisa mais básica, somente desenvolvida pelos agrônomos. Requer uma integração estreita entre geólogos, físicos, químicos e sobretudo com a biotecnologia e engenharia genética, sem as quais as soluções serão improvisadas e sem embasamento sólido científico.

Os exemplos citados acima mostram ainda que há problemas tipicamente brasileiros que precisamos enfrentar com prioridade absoluta, não somente pela necessidade de solucioná-los, mas também porque os cientistas fora do país não os solucionarão. Mais que 90% dos cientistas do mundo vivem e trabalham em regiões de clima temperado, enquanto o grande desafio da ciência ainda está na solução de problemas das regiões tropicais onde somos uma pequena minoria de pesquisadores que conta com as dificuldades mais diversas. Enfrentamos escassez de recursos, falta de massa crítica e de pesquisadores qualificados, dificuldade de intercâmbio direto com Instituições estrangeiras e sobretudo in-

gerência excessiva de forças políticas alheias às necessidades científicas do País. Ao vivermos e trabalharmos num país predominantemente tropical, deveríamos sentir a motivação de contribuir para a solução dos problemas tropicais mesmo que pareçam mais difíceis. Precisamos motivar os jovens e incentivá-los a seguir-nos neste caminho pois serão eles que colherão os frutos.

Caros novos acadêmicos, ao tomar posse hoje na Academia Brasileira de Ciências assumem juntamente conosco, o compromisso de lutar ativamente pelo desenvolvimento da ciência no País, para que ela se torne cada vez mais ativa, mais sincera e mais direcionada para solucionar os grandes problemas brasileiros. Recebemo-los de braços e coração abertos, tendo certeza que merecerão a confiança que nos Senhores colocamos na hora da eleição.

Discurso do Professor ERNEY PLESSMANN CAMARGO
em nome dos novos Acadêmicos

Sempre que começo um discurso com senhores e senhoras me vem à memória um episódio da vida de nosso mestre Prof. Samuel Pessoa:

Há muitos anos, quando as mulheres ainda eram pouco representadas nas sociedades científicas, o Prof. Samuel Pessoa teve de fazer um discurso de abertura para um congresso com uma platéia de duzentos e cinquenta homens e uma mulher.

Começa o Professor:

"MEUS SENHORES E MINHAS SENHORAS"

ao perceber que não estava correto, emenda —

"MEUS SENHORES E MINHA SENHORA"

diante da gafe maior, emenda imediatamente —

"MEUS SENHORES E DONA TEREZA" . . .

Felizmente não é este o caso hoje mas fica a lembrança como homenagem pessoal ao meu velho mestre.

Em nome de meus colegas agradeço o privilégio e a distinção a nós conferida pelo corpo de Acadêmicos ao nos elegerem como membro desta Instituição. Em nome de meus colegas aceito também a responsabilidade de passar a integrar esta Academia.

Não considero supérfluo dizer da importância que tem para nós, recém-eleitos, o fato de agora pertencermos a esta comunidade.

É, para nós, gratificante e importante.

Gratificante porque nos dá a sensação de que o voto que nos elegeu traz em si a aceitação e aprovação por nossos pares de nosso trabalho e de nossa história profissional e cívica. Desconheço satisfação maior do que a de ver seu trabalho apreciado e aprovado por quem sabe apreciar e tem autoridade para aprovar.

Importante porque nos traz para o corpo de uma instituição que em toda sua história soube manter sua dignidade como sociedade científica preservada e protegida por seus membros, das flutuações e retrocessos políticos transitórios da sociedade em geral.

Mais importante ainda porque nos traz para o convívio de pessoas que como nós, prezam a cultura e exatamente aquele aspecto da cultura, que por tradição e ofício, mais nos diz respeito: a ciência.

Tendo falado em nome de meus colegas devo agora tecer algumas considerações pessoais como manda a praxis desta Academia.

Devo dizer inicialmente que sinto um certo desconforto diante de discursos escritos.

Esse meu desconforto agudizou-se alguns anos atrás quando tomei conhecimento do discurso pronunciado no século passado, creio que em 1859, por Sir Thomas Bell, ao deixar a Presidência da Linnean Society of London. Neste discurso, o Presidente, eufórico com sua gestão que se findava, lamentava apenas (e enfaticamente) que seu mandato não tivesse sido "marked by any of those striking discoveries which at once revolutionize (science)".

Infelizmente para a memória de Sir Thomas Bell, fora exatamente durante seu mandato, em sessão sob sua presidência, que o trabalho de Darwin e Russel sobre a origem das espécies fora apresentado.

Se não tivesse escrito a gafe teria sido esquecida.

Mas, enfim, acho que não tenho escolha. Apenas peço que a generosidade de meus ouvintes entenda que estas reflexões se limitam ao momento que vivemos, têm duração efêmera e nenhuma preocupação transcendental.

Dizia eu inicialmente que ser membro desta Academia constituia um privilégio mas também uma responsabilidade.

O privilégio é óbvio.

Vou analisar um pouco a responsabilidade.

Ao ser informado de minha escolha para orador desta sessão fui consultar os discursos de alguns amigos que me precederam neste mister. E nos discursos dos Professores Paiva, Brener, Pelúcio e Travassos, encontrei sempre, embora apresentada sob diferentes formas e focalizando temas diversos, a mesma tônica: se é um privilégio pertencer à Academia é também uma grande responsabilidade.

E a responsabilidade subentendeu-se na maioria dos casos como sendo a **Responsabilidade Social do Cientista**, aquela responsabilidade que os cientistas e suas corporações têm perante a sociedade em geral exatamente por disporem de conhecimento que falta à maioria da população aí incluídos dirigentes e dirigidos.

Essa responsabilidade é tanto maior porque o conhecimento de que os cientistas dispõem não é neutro, ou lúdico ou apenas erudito.

É o conhecimento científico que não só afeta a vida particular de cada um mas tem o poder de interferir e muitas vezes definir o futuro e destino das sociedades humanas.

Retomo o tema levantado por meus colegas por entender que a Sociedade brasileira hoje está mais aberta e mais receptiva à opinião dos cientistas.

Entendo que o cientista e suas corporações têm *Responsabilidade* primária sobre os reflexos e as conseqüências da utilização da ciência sobre a sociedade em geral, ou seja, pela utilização da ciência e seus derivados, pelos poderes operantes dentro de uma sociedade.

Certamente isto se aplica mais à ciência aplicada e à tecnologia do que à ciência fundamental. Mas não quero aqui fazer distinção entre ciência básica e tecnologia. Elas são filhas do mesmo ventre: resultam do mesmo fascínio inteligente da espécie humana pelo conhecimento e domínio da natureza.

O que distingue ciência básica de aplicada e a tecnologia dela derivada não é sua origem. É sua destinação.

Enquanto uma, a fundamental, é imune a manipulações (pelo menos imediatamente aparentes) a outra existe para isso mesmo, para ser manipulada pelo poder político ou financeiro, seja privado seja do estado.

À medida que a tecnologia se desenvolve organiza-se também sua manipulação, em correspondente grau de sofisticação.

Um dos grandes problemas das sociedades modernas está em que a manipulação da tecnologia se faz obedecendo a interesses de segmentos limitados da sociedade, sem nenhuma perspectiva global e muitas vezes conflitantes com os interesses gerais da comunidade e a qualidade de vida de suas populações.

Aí competem atuar o cientista e suas corporações.

Mas, por favor, não confundam. Não estou me referindo ao engajamento político do cientista. Este é um direito que ele tem como cidadão e como cidadão pode ou não exercê-lo seja individualmente seja ingressando em grupos, partidos ou associações de direita ou de esquerda, religiosas ou agnósticas, etc. conforme suas convicções pessoais. Afiliações gremiais são posturas de foro íntimo e ao nível pessoal devem ser discutidas. Não me refiro portanto a estas posições do cientista enquanto cidadão.

Eu quero me referir é à contribuição e responsabilidade social do cientista na utilização do próprio conhecimento científico.

Acho desnecessário exemplificar as inúmeras circunstâncias em que a implantação de uma determinada tecnologia, uma nova descoberta ou a adaptação de uma pré-existente, ao lado dos benefícios segmentares, pode, como subproduto ser causa de dano para outros setores da sociedade sejam danos ambientais sejam sanitários sejam trabalhistas ou até psicólogos. Inúmeros também são os exemplos opostos em que o temor irracional ou preconceitual a uma dada tecnologia pode gerar comportamentos sociais ou de grupos organizados que acabam impedindo, sem razão, a melhoria da qualidade de vida e o progresso social de segmentos consideráveis de uma população.

É utilizando o próprio conhecimento científico que os cientistas e suas corporações podem atuar decisivamente em cada uma dessas instâncias, principalmente em uma sociedade como a nossa, de uma dinâmica imprevisível, pouco ortodoxa, e em que soluções novas são adotadas quase que diariamente, a maior parte das vezes ao acaso.

É a responsabilidade de participar na ordenação desse processo que eu me refiro como sendo a nossa responsabilidade.

Argumenta-se que as decisões sobre ciência e tecnologia transcendem do âmbito de atuação do cientista e competem ao poder político ou econômico, privado ou estatal.

Isto simplesmente não precisa ser uma verdade exclusivista que não comporte contribuições de outros setores da sociedade.

De fato as corporações científicas não têm e não devem ter o poder decisório. Mas elas possuem o conhecimento e o correspondente poder de esclarecimento e assessoria. Cada vez mais as nações desenvolvidas se apoiam em informações científicas e delas dependem em suas decisões. As corporações científicas não têm nenhum tipo de poder mas podem contribuir para seu exercício correto.

O fato de que historicamente em nosso país as decisões tenham sido tomadas à revelia de qualquer assessoria científica não significa que deva ser sempre assim. É possível mudar mas a mudança depende de nossa capacidade de mobilização no sentido de aumentar a influência do conhecimento científico junto ao poder decisório.

Entendo que nossa Academia reúna todas as condições para ocupar este espaço como centro de referência e de consulta. É preciso assumir esta responsabilidade.

Evidentemente os membros desta Academia e notoriamente seus dirigentes não têm se furtado a assumir este papel. E é com muita apre-

ciação que os temos visto participar ativamente de todos os grandes momentos decisórios que envolvam política científica no país. Tem sido uma luta cotidiana e constante mas que deve sair do nível de heroísmo individual e se estender a toda a corporação.

Nossa Academia reúne entre seus associados, e pode reunir em torno deles, as melhores cabeças do país para o estudo de um determinado problema para que de forma metódica e organizada se constituam talvez comissões permanentes ou grupos de estudo sempre capacitados a se pronunciarem sobre quaisquer problemas com implicações científicas e tecnológicas.

Achei oportuno reabrir essa questão porque tudo indica que a comunidade poderá ser cada vez mais consultada e ouvida pelo poder político do país. Em várias ocasiões já o Senhor Ministro da Ciência e Tecnologia declarou de público que pretende propor a criação de um Conselho com poder decisório sobre a política científica e tecnológica do país, Conselho este em que a participação de cientistas deverá ser considerável.

Poderemos pois ser chamados para opinar e decidir e é preciso estarmos preparados para isto, não ao nível individual mas ao nível de corporação. Para isto talvez precisemos ampliar as áreas representadas em nossa Academia, inicialmente talvez Ciências Agrárias depois quem sabe Ciências Sociais ou Econômicas, talvez outras áreas mas de qualquer forma é preciso que assumamos, de forma organizada e permanente nossas responsabilidades presentes e futuras.

É de nossa responsabilidade, nos casos aplicáveis, que o conhecimento científico e as decisões nele baseadas prevaleçam sobre dogmas, preconceitos, partidarismos e casuísmos.

É a esta responsabilidade que me referi quando afirmei que ser membro da Academia era um privilégio e uma responsabilidade.

A responsabilidade é grande mas o privilégio a adoça.

Para exemplificar essa dualidade de sentimentos, eu poderia parodiar Guimarães Rosa em Grande Sertão: Veredas nas cogitações de Tatarana sobre o privilégio e a responsabilidade de ser chefe dizendo: "ser membro desta Academia por fora um pouquinho amarga; mas, por dentro é rosinhas flores."